

Complet

QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 24 de Maio -- 1928

5 TOSTÕES

2.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

10 5



sempre fivê

semanário
humorístico

avença
X, no St.
de Alvarenga
Rua B.

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

Lisboa --- Madrid --- Paris por um «fio»

PARIS

MADRID



- DITES-MOI, MONSIEUR
CORBEAU DE FREITAS; C'EST
BIEN VRAI QUE LES PORTUGAIS
SONT TOUJOURS GAIS ?

DE LISBÔA,
IMPEDIDO?!! NO
PUEDE SER! PUES SE
DON VICENTE ES
CORONEL!!!...

- D'ANTES, COMME CI
COMME ÇA, MAS AGORA
ESTÃO DE UMA
GAIETÉ, QUE O MEU
CHER COLLÈGUE
NÃO FAZ UNE PETITE
IDEIA.



LISBÔA
J. Valença



Os ditos da semana



O fim do mundo

Desta vez é que vai. Acaba-se o mundo no proximo dia 29. Acaba e acaba muito bem. Deixa-lo acabar. Ficamos todos a 29. Ninguem terá razão de queixa. As contas do fim do mez já não se pagam. Se os credores quizerem que as vão receber ao outro mundo se é que ele não acaba tambem.

Vamos ter um espectáculo surpreendente e nunca visto, visto que o mundo acaba agora pela primeira vez.

O *Sempre Fixe*, que sabe tudo, sabe tambem como as coisas se vão passar e, para socegar os mais timoratos, vai traçar o programa da formidável hecatombe. E' necessario que ninguem se atrapalhe. Não vale a pena chorar, nem fugir para Alemquer. O que tem de ser tem muita força. Faz a gente de conta que está no meio dum grande apertão, donde não pode sair, e deixa-se ir na corrente.

Convém levantar um pouco mais cedo, não só para gozar os ultimos momentos de vida, como tambem para assistir ao cataclismo desde o principio.

A's 4 1/2 da manhã, com os primeiros alvares do dia, surge no ceu um astro monstruoso, com cara de gente, dando certas semelhanças ao sr. Carlos Pereira da Companhia das Aguas, que tambem queria acabar com o mundo, matando a humanidade á sede. Traz um capacete de clara de ovo na cabeça e um *casse-lete* na mão. Não fala. Apita. Aranca vertiginosamente pela Via Lactea e vai aumentando de tamanho como os comboios que marcham em direcção a nós. Nesta altura, manda a prudencia, que cada um procure os seus inimigos para fazer as pazes, porque, como temos de ir todos na mesma viagem, é muito encomodo acompanhar com pessoas de quem estamos afastados por um corte de relações, excepção feita das sogras, é claro, para evitar complicações. Quem tiver algumas economias, joias, bilhetes de tesouro, acções de companhias etc., deve deita-los fóra. Pezam muito na viagem e não tem cotação na bolsa do outro mundo. Farnel não é preciso levar: passa-se a viver do ar como qualquer funcionario publico mesmo antes das medidas de salvacão publica.

Entretanto o astro monstruoso continua avançando no ceu e, como quer que aviste o sr. Antonio Cabreira, arrumando numa mala o seu calendario prestes a deixar de

ser perpetuo, deita-lhe a lingua de fóra exclamando:

—Tens que ir fundar outra Academia e outra ordem de Santa Maria do Castelo, no outro mundo.

Neste momento é conveniente fugir do sr. Antonio Cabreira, porque se o astro, por um acaso, resolvesse não acabar com o mundo, o illustre matematico, mataria a gente de aborrecimento.

E o astro avança, sempre a 9, como um electrico do Dafundo, na recta da Junqueira.

A certa altura, a terra começa a tremer, a tremer, como é proprio de uma senhora quando vê um matulão daqueles de *casse-lete* no ar e de lingua de fóra, arremetendo com tamanha turia.

E, como a terra treme, nós que somos terra, cinza e nada, pomo-nos tambem a tremer, não de medo mas de raiva, por já não nos ser permitido tremer no dia seguinte.

E a carreira vertiginosa do

astro não se detem. A terra agacha-se, mas não lhe serve de nada, tal qual como o pagamento do sr. Barbosa. E o astro apita, e a terra treme e a gente agarra-se bem ás orelhas para ter a certeza de que ainda está inteiro dos pés á cabeça. Faz uma ventania de arrancar castanheiros, um barulho capaz de ser ouvido por um surdo e o sol põe-se a piscar o olho assim como quem diz:

—Agora é que vocês vão apañhar um calor.

Mais uma hora, mais um minuto, mais um segundo e o astro estará mesmo em cima da terra. Vai dar-se o choque. Fecham-se os olhos, tapam-se os ouvidos:

—E' agora.

Zaz, Traz Paz, Bum, Brrum Bum, Brrum.

E nada. Só vidros partidos. Abrem-se os olhos. Destapam-se os ouvidos:

Ahhhhhhhh!!!!

O astro monstruoso já conhecia o novo regulamento

do transito e deu a direita como a terra lhe deu a direita tambem a ele e passaram um pelo outro, como cão por vinha vindimada. Fica para outra vez. Enquanto o astro vai e vem folgam os asnos que acreditaram no fim do mundo.

O box O *box* é a nobre arte de esmurjar as ventas do proximo e de deixar esmurjar as proprias, sem ma vontade, sem ira, sem zanga até por combinação, por acordo amigavel, selado com um grande abraço e duas festinhas feitas nas bochechas do adversario, com aquelas gentilissimas luvas que tambem servem para esmigalhar as cartilagens do nariz.

Joga-se o *box* como se toma chá — ás 5 horas da tarde. E fica tudo entre amigos.

Com a mesma naturalidade com que se diz: «Vem d'atimar uma cerveja», diz-se tambem «Ora empresta cá o nariz para o esborrachar com um soco.

A's vezes, enche-se a Praça do Campo Pequeno para gozar o espectáculo. Os adversarios colocam-se frente a frente, cada um em sua cadeira e os respectivos *menagers* vistoriam-lhes minuciosamente todo o corpo, a ver se falta alguma coisa. Depois vem o arbitro; reúne os dois contendores e ensina-lhes aquilo que eles estão fartos de saber: joga-se assim, joga-se assado, não é permitido isto, não é permitido aquilo etc., mas eles não fazem caso nenhum das recomendações, porque depois, durante o jogo, o arbitro tem de estar sempre a separa-los porque estão fóra da ordem.

Proibiram-se os touros de morte porque ha uma Associação Protectora dos Animais, mas joga-se o *box* porque não ha uma Associação Protectora dos *boxeurs* e, então, é dar á valentona.

Um beijo fica rachado, um olho tica num boló, o figado fica numa pinha, mais moido do que o miolo dum lata de *fois-grais*, o sangue escorre em fio, como do cachaço dum toiro, e o publico exulta, rejubila, aplaude, porque os murros são nas ventas dos outros.

Por fim, ha um vencedor. O *menagère*, sem mais delongas, cospe-lhe na cara. Na cara! Era o vencedor! Ao outro, ao vencido, fazem de certo coisa peor, porque a não fazem á vista do publico,

ARAUJO PEREIRA



A Araujo Pereira, com um abraço á velha amiga a admirapit, J. Valença

Insigne professor catedratico da sua Arte, no Conservatorio de Teatro. Aos seus louros pode acrescentar a gloria de não se lhe dever a transformação, em cinemas, dos teatros que trocaram a Arte de Dizer pela Arte de não dizer nada, ou do silencio.

Se, como Pereira, não deu mais e melhores frutos, a culpa cabe inteira ao terreno, improprio para produzir as peras... perolas do seu talento.

Resposta á letra

Numa reunião, um cavalheiro com pretensões a ser engraçado, dirigiu a um grupo de senhoras a seguinte pergunta:

—Vou pôr á prova a intelligencia de V. Ex.^{as} Vamos a vêr quem adivinha qual a differença existente entre as mulheres e os espelhos.

Depois de um breve intervalo, confessaram as senhoras presentes não atinar com a decifração da charada.

—Não sabemos. Diga lá o que é?

—Ora, é bem simples! E' que os espelhos reflectem sem falar e as mulheres falam sem reflectir.

Embutucaram as damas ouvintes, até que uma, dirigindo-se ao impertinente espirituoso, lhe pergunta:

—Veja o senhor se adivinha esta charada, tambem bastante simples. Em que se differencam os espelhos, dos homens?

—Não sendo identico o conceito, confesso, minha senhora, que não sei.

—Então, eu lhe digo. E' porque os espelhos para reflectirem bem, necessitam ser polidos e os homens nem sempre o são... apesar de reflectirem...



—Então você atreve-se a fumar na officina?

—E o senhor atreve-se a proibi-lo. Não se alegre por ver que apesar do miseravel soldo que me dá ainda tenho boa disposição para estas frivolidades.



O padre — Não lhe causa pena condenar tanta gente?

O juiz — E a você não lh'a causa casá-los?



—Flôres para a senhora?
—Não, obrigado. E' minha mulher.

A baleia, o judeu e o preto ou um negocio submarino

O vapor «Zaire» vinha a caminho da Metropole, singrando docemente sobre as saizas ondas, quando um passageiro descobriu, a bombordo e a pouca distancia, uma especie de submarino sem periscopio, meio submerso, meio flutuante. A noticia depressa se espalhou por todo o navio, e os passageiros afluíram todos ao convez para verem o precioso objecto. —Um submarino, que durante a guerra inspiraria um terror indiscutível, inspirava agora simplesmente curiosidade.

Quando o «submarino», que navegava na direcção do «Zaire», se aproximou um pouco do navio, verificou-se que não passava, afinal, duma simples baleia. E como nem todos os passageiros tinham encontrado na sua vida oportunidade para vêr uma baleia, toda a gente afluíu á amurada de bombordo, para admirar o precioso mamifero.

—Mamifero?!—dizia um rapazito alto, espigado, com uma cara de Beau Geste Rond, para um passageiro que assim havia classificado, zologicamente, a baleia. Qual mamifero! Aquilo o pe é é um setaceo...

—Cetaceo, porquê?
—Ora essa, ripostou Beau Geste Rond, orgulhoso da sua erudição: porque a baleia é um peixe que se pesca com sedás!

Apaziguada esta pequena discussão, Beau Geste Rond, que parecia ser jornalista, quiz experimentar se realmente a baleia seria capaz de engulir um homem, como a lenda dizia que havia acontecido quando Troia ficou soterrada, por três dias ter chovido areia. Mas, como não tivesse á mão um inimigo pessoal de quem se quizesse desfazer—Beau Rond só tinha amigos—lambrou-se de atirar á baleia a cadeira de viagem que comprara em Mossamedes ao embarcar. E a baleia, para não desmentir a lenda de Troia, zás, enguliu a cadeira inteirinha.

Toda a gente, então, quiz divertir-se, atirando sobre a baleia os objectos mais variados.

Houve um passageiro que atirou com uma mesa. Um outro, atirou com uma garrafa de Champagne, vazia, claro está.

Uma menina caridosa, que viajava em 1.^a classe, supondo a baleia gulosa, atirou-lhe com um cabaz cheio de laranjas.

Um major reformado, farto de Africa e de pretos, atirou-lhe com o proprio criado, negro retinto, aborrecido

como estava com os disparates que lhe aturara durante todo o caminho. (Esousado será dizer que a baleia ia engulindo tudo com uma facilidade pasmosa.)

Um passageiro de 3.^a atirou-lhe com um pacote de velas de estearina. Um outro, da mesma classe, atirou-lhe com um banco de madeira.

Por fim, houve quem atirasse á garganta voraz da baleia com um autentico judeu, em carne e osso, de nome Levy, que vinha da Palestina. E a baleia, naturalmente, cheirando-lhe a carne de judeu, muito asseada e saborosa, enguliu e pediu mais...

...Nisto, porém—chegava o «Zaire» proximo de Marrocos—aparece um vapor de pesca, que andava justamente á procura de baleias para a Empreza Baleieira da Troia, Limitada, (Setubal). Com tanta comida, o pobre mamifero estava gordo e luzidio, anafado como um abade. Um arpão certo, uma fuga desordenada da baleia, até completo esgotamento das suas forças, uns litros de oxigenio, para não mergulhar—e o bicho lá foi, amarrado ao vapor até Setubal, com grande pesar dos passageiros do «Zaire», que perderam um tão interessante divertimento.

Dias depois, a Folha do Sado publicava a seguinte noticia, sob o suggestivo titulo de

Um fenomeno

«Ontem, quando os operarios da Empreza Baleieira da Troia, Limitada, abriam uma enorme baleia, pescada na vespera, proximo de Marrocos, deparou-se-lhes este espectáculo unico, e verdadeiramente fenomenal.

No ventre da baleia, ao centro, existia uma mesa, que tinha em cima um cabaz de laranjas, e uma vela acesa sobre o bocal duma garrafa. Dum dos lados da mesa, estava sentado, numa cadeira de viagem, um homem branco, que depois se soube ser judeu e chamar-se Levy; e do outro lado, estava um preto, sentado num banco tosco de madeira.

No momento em que os operarios abriram o ventre da baleia, o judeu e o preto discutiam acaloradamente, queixando-se este ultimo de que o judeu lhe havia vendido as laranjas por um preço exorbitante, exigindo-lhe depois da venda feita a quantia de 20\$00 por direitos de transmissão de propriedade.

Do caso foi dada participação á policia.»

Carlos d'Aguilva.



—E' muito fiel. Pode-lhe confiar ouro em pó!
—Pois sim, mas as minhas joias são todas em platina...

Lições de zoologia

O BURRO

O Burro é um animal aquatico que se encontra com frequencia nas florestas virgens de Chão de Maçãs. Pacifico e duma grande abnegação, estou certo que se não existissem burros não existiriam homens e vice-versa. O leite da mulher do burro é apreciadissimo pelas crianças de setenta e cinco anos de idade para cima e das de 15 para baixo. O burro é adoptado em cavalaria e artilharia por ser mais veloz que a Zebra, um interessante animal ás riscas que passeia pelas ruas da cidade e frequenta assiduamente o Café Italia.

Um sabio já provou que um burro não poderá ser homem mas este pode facilmente ser burro. O homem burro só pode ser Politico ou Consumidor!

A carne de burro é de excelente paladar e faz concorrência á de gato por ser mais succulenta e menos indigesta. A pele depois de lavada, fervida e enxuta é utilizada para tambores e a cabeça para os professores enfiarem na dos alunos que tenham más notas.

O burro tambem adopta os nomes de Asno, Gerico, Politico e Zé-Portinho.

Não disserto mais sobre este animal para não fazer a minha propria biografia.

Recix.



—Que differença achas entre aqueles dois aviadores?...

—E' que um já está aviado e o outro ainda está por aviar.



—No dia 30 é que os jornais devem ter bastante venda...

—Porquê?...

—Por causa da reportagem do fim do mundo que acaba no dia 29.



A morte de Camaleão

Aquele camaleão, vindo das regiões longinhas de Africa, presente do tio Paneracio, era o *enfant gaté* da menina Zefa, as atribuições da D. Pepa e o espanto das visitas.

Quando alguém chegava, logo, a Zefa, a *Zéfinha*, como em família era chamada, ia mostrar o camaleão, super-fenomeno dos tempos modernos, que mudava de cor conforme a cor do lugar onde o colocavam.

Mas, succedeu que um dia, por um caso de força maior, a Zéfinha e a D. Pepa tiveram de sair e, quando chegaram a casa, a Zéfinha, mau grado seu, foi encontrar morto o camaleão.

Depois de grandes lamentos, de muitos gritos e de um mar de lagrimas, foi interrogada a criada, com palavras severas e gestos pouco tranquilisadores. Esta, chorando, negou a pés juntos que tivesse maltratado o camaleão, mais digno de melhor sorte.

D. Pepa tanto massacró a criada que, ao fim de uma hora, conseguiu a confissão. Ela tinha prometido ás criadas do 4.º andar que, quando as senhoras saíssem, lhes mostraria o camaleão e, como as senhoras tivessem saído, ela chamou as criadas que, encantadas com tão precioso bicho, o puzeram sucessivamente no pano encarnado, que está sobre a mesa da sala, na colcha de damasco verde que cobre o piano e sobre o forro amarelo da mobília da sala, e tudo isto feito com optimos resultados, até que elas, não satisfeitas ainda, foram buscar uma fita de tecido escossês, celebre pela sua combinação de cores, e sobre ela puzeram o camaleão.

O camaleão voltou-se para um lado, tornou-se a voltar para outro, deu duas voltas em redondo e exclamou, coberto de suores frios:

— Apre! Que são cores de mais para um camaleão só.

E caiu para o lado e morreu.

AS MELHORES CEIAS

são as da **PENINHA**

Os melhores jantares ao domicilio

são os da **PENINHA**

67, Rua Pascoal de Melo, 69

Telefone Norte 5582 (á Estrelania)



—Então o sr. não evitou que a sua mulher se atirasse da janella?

—Oh! sr. guarda, eu corri logo pela escada abaixo, mas quando cá cheguei já ela aqui estava neste estado.

Lucinda Simões



Morreu Lucinda Simões. Mais uma vez temos de lançar nesta pagina uma tarja de luto, suspendendo o riso que teve na grande artista uma scintilante cultora, porque, Lucinda Simões, se nos fazia muitas vezes chorar no teatro, tinha, como ninguém, o condão de nos fazer rir na intimidade. Por isso, duplamente lamenta o *Sempre Fixe* a sua perda.

Não é neste jornal que ha-de traçar-se o perfil da genial artista. Aqui evoca-se apenas um passado de gloria que está na memoria de todos e destolha-se comovidamente uma saudade sobre o tumulo em que vai desaparecer para sempre a insubstituível artista.



— Minha mulher é que dava um bom boxeur.

— Porque diz isso?

— Oh filho, ás vezes dá-me cada directo...

BOM HUMOR

Na hospedaria:
O criado:—Aqui está o café-leite, velho estúpido.
O hospede:—Você está enganado. O hospede que é surdo está no quarto ao lado...

O tadrão:—Não tenho medo! Sou sempre correcto com as senhoras.

A mulher:—Ai, é?! Pois então faça favor de chamar pelo telefone a policia...

Inversões:

O medico:—Como está o senhor?

O enfermo:—Era precisamente o que lhe ia perguntar agora mesmo, doutor...

Carneiro com batatas:

O deputado:—Emfim, fui eleito mas fiquei arrazado com o trabalho da propaganda.

O eleitor:—Sim, mas agora tem quatro anos para descansar, na Camara...

Considerações funebres:

—A pena de morte é uma abominavel sanção. Desafio-o a que me diga porque motivo o senhor defende semelhante barbaridade.

—Porque sou o carrasco!

Num comboio francês, que é onde estas coisas sucedem:

O gatuno:—O senhor tem alguma campanha de alarme ao alcance da mão?

O viajante, submetido a «Browning»:—Não!

—Pois então queira ter a gentileza de me entregar a sua carteira...

Situações:

A casada:—Ha meia hora que espero o meu homem.

A solteira:—E eu ha vinte anos!

Verão lusitano, afiançado:

—Dizem que no verão o sol é esplendid, mas ha dois dias que não vejo um unico raio.

—Talvez sejam raios X.

Os burgueses, em frente da *Venus de Milo*:

—Esta estatua carece de braços.

—Carece de braços? Então é a *Agricultura*!

Pedidos:

—Este rapaz parece doído.

—Oh! papá, não digas isso. Acaba de pedir a minha mão.

—Não t'o dizia? Has de concordar que sou um bom fisionomista...

Ainda os ha:

O medico:—Outro dia, três doentes mandaram-me chamar, mas quando cheguei tinham morrido.

O assistente:—Julgaram inutil esperar por ti...



—Que peças deseja V. Ex.ª para o seu carro?

—Todas, menos lanternas. Foi a unica coisa que escapou.

A ultima carta

Minha querida

Resolvo escrever-te por este meio, que é ainda o mais seguro. O *Sempre Fixe* é um jornal que chega a toda a parte, ao passo que a correspondência nem sempre chega ao seu destino. Quando leres esta já deve ter acabado o mundo, porque o *Fixe* sai no dia 30 e o mundo acaba a 29. Foi também uma das razões que me fez adotar esta forma de comunicar contigo.

Com a leitura do *Fixe* sempre te podes distrair um pouco da emoção causada pela calamidade a que venhas de assistir, se por acaso escapares a ela.

Pode dar-se mesmo a hipótese de seres a unica sobrevivente e como deves ficar aborrecida, terás ao menos com que te entreter. Ou seja por meio de um cometa ou dalgum sol negro com que a gente se veja azul, o certo é que esta deve ser a ultima carta que te escrevo e por isso sempre te quero dizer uma coisa que trago atravessada no pensamento.

E' que podiamos estar livres de todas estas contingencias, de tão desastrosos resultados.

A verdade é esta: todos têm, mais ou menos blagueado, censurado, escarnecido das medidas de transito ultimamente adotadas.

Pois se as tivéssemos apreciado devidamente, se tivéssemos avaliado bem o serviço que podem prestar os sinaleiros, se os tivéssemos aplaudido e estimulado, não poderiam já ter-se adotado no espaço, medidas semelhantes, que nos evitariam semelhantes dissabores.

Cá por baixo, graças á sua providencial intervenção, já tais colisões são impossíveis.

Pode lá admitir-se que um sol negro, completamente apagado, sem o mais pequeno farol, sem a mais humilde buzina que nos dê o sinal da sua aproximação, circule assim por esses ares, pondo em risco a integridade dos seus camaradas siderais? Tivéssemos encarregado o sr. comandante da Policia de regular o transito celeste, com sinaleiros adejando na via lactea, fazendo vibrar na atmosfera os trinadoes dos seus aptos reguladores, pespontando o infinito com os seus niveos *casse-letes*, esmaltando o espaço com os seus lacteos capacetes e ter-se-ia facilmente evitado semelhante calamidade.

Agora é tarde já para ele o fazer. Não ha remedio. Mas não quero ir desta para melhor, (neste caso para peor, porque feito em pó já não tenho cabeça nem animo para demandar outro mundo melhor) sem deixar aqui exarado e bem veemente o meu protesto.

Teu, até nunca mais vêr

A. C.

Sortes grandes
só o **PINA** as vende
75 - Rua de S. Paulo - 77



—Os jornais dizem que ele é um poeta scintilante...
—Eu por poeta scintilante só entendo um poetaastro.

TAC-TAC-TAC

O ESCONDERIJO

D. Josina — era de ha muito sabido — enganara em tempos o seu marido, Josué Marques, que o soubera com indignação ao lêr o relato do suicidio de Fernando Garção, o joven *sportman* tão conhecido na nossa sociedade elegante.

Josué Marques, porém, não podia divorciar-se porque, sendo pobre como eu, ficaria na penuria, não podendo, como não podia, provar a infidelidade da esposa que, avessa a confidencias, sempre muito bem escondera o seu delicto.

Entretanto, Josué tinha a convicção, mais — a certeza de que Josina guardava religiosamente, como reliquia sagrada, as ultimas cartas do amante falecido. Indicio claro do facto era o pisado de seus olhos magoados pelo choro, quando de tempos a tempos rellia as missivas de seu infornado amante.

Josué farejara todos os cantos, empregara todos os ardis: — impossivel descobrir o paradeiro das cartas faticidas!

Tanto matutou ele, entretanto, que descobriu um meio infalivel, ao menos no dizer do seu conselheiro José Paulo, que o induzira a consultar um *detective* quotidianamente anunciado no *Diario de Lisboa*.

O plano era, na verdade, maquiavellico. Convidaria a esposa a ir, em sua companhia, passar a Páscoa á quinta dos pais dela, na Guarda, enquanto alguns fiéis agentes do *detective*, simulando busca policial, iriam passar revista á casa, apenas guardada pela Micas, criada grave de Josina, que não resistiria ao pavor das gentes policieiras, franqueando facilmente as portas do palacete.

Tudo preparado, fez o convite á mulher e esperou com ansiedade a sexta-feira de Paixão, dia marcado para a viagem.

Josina, porém, desconfiou do caso e confiou á Miquinhas o seu recelo de ser alfim descoberto o segredo.

Micas soceguou-a com calma: «Dê-me

a senhora as cartas que saberei muito bem escondê-las». E assim fez, não sem alguma relutancia, a timorata Josina.

Na quinta-feira de Endoenças, quando Josué entrou na saleta de espera, viu sobre a mesa uma enfiada de pequenos embrulhos, atados com fitinhas cor de rosa e destinados ás diversas amigas intimas de Josina. Eram as amendoas, os brindes da Páscoa, que a invasão dos costumes franceses tornou entre nós obrigatorio.

Micas saiu pouco depois para mandá-las aos seus destinos em encomendas postais.

E a viagem fez-se e os homens do *detective* fizeram a busca... e não encontraram nada.

Quando, na terça-feira, Josina reentrou em casa, vinha anciosa e palida.

— E que tal? — perguntou para Micas, logo que a sós se encontrou com ela.

— Olhe, minha senhora, vieram uns homens fazer uma busca ao palacete por mandado da Justiça...

— Ah! que sufoco! — gritou, aflita, Josina.

— Minha senhora, socegue. Também o correio trouxe estes seis embrulhinhos de amendoas, mandados pelas suas amigas.

— Mas as cartas? As cartas? — perguntou Josina.

— As cartas, — disse Micas, sorrindo — estão dentro desses embrulhinhos, que são os mesmos que eu mandei em nome da senhora ás suas amigas e que eu já sabia que voltariam intactos, porque os tempos não vão para despesas.

Josina, num grito de alivio, lançou-se sobre os embrulhos e deslaçou-os. Era a verdade o que Josina lhe dissera.

— E digam lá que na sociedade não ha gente elegante?!... suspirou ela, enquanto tornava a guardar no seu cofre as cartas invioladas.

Cirano de Velhofoas.

Os irmãos Moreiras

Amanalhe



As duas melhores "rosas," do Norte

CADEIA DA BOA SORTE

A exemplo do que tem sucedido a milhares de pessoas, recebi até ao presente 6 cartas (sem selo) onde pessoas amigas que não tenho o desgosto de conhecer, pedem para enviar copias a nove outras que estimo. O conteúdo é sempre identico e os couces na gramatica são notorios. Ora como sou muito supersticioso, resolvi em conselho de familia, redigir também uma *Cadeia* e oferecê-la a nove leitores amigos que tenham a paciencia de lêr esta minha prosa. Ei-la:

Cadeia da boa sorte

Saude e bichas, amigo!

Esta cadeia ha-de chiar, chiar e andar á roda do Mundo. Foi engendrada por um colaborador do *Sempre Fixe* num dia 13 duma sexta-feira ás 13 horas na Rua Josefa de Obidos, n.º 2 3.º Esquerdo, com janela para o saguão e vista de mar para o quintal.

Deve ser enviada a 13 pessoas do sexo feminino com um metro e 58 de altura e noventa centímetros de circunferencia e a mais nove do sexo masculino, maiores, casadas e revacinadas. Já foi enviada a um caricaturista do *Fixe*, que não querendo acreditar, sofreu o desgosto de ser victimado pela Censura. Um amigo, que cumpriu este pedido, 24 horas depois recebeu um agradável noticia: Comprá um vigesimo por 8\$50 e fóra premiado com oito escudos! Um outro, que procedeu identicamente, teve a ventura de vêr morrer a sogra dezoito anos depois. Madame Papaanas-tacios ao atravessar o Mar da Mancha foi atacada por um tubarão que lhe enguliu duas pernas, porque a infeliz, por acaso, não trazia mais nenhuma. Recebeu esta cadeia, enviou-a a 22 pessoas amigas e quinze dias depois recebeu a visita do criminoso animal que lhe devolveu as pernas e pediu desculpa daquele gesto irreflectido. Mr. Joseph Kangúrú ha 25anos que sofria duma desão cardiaca. Tendo recebido esta cadeia não a enviou aos amigos, mas como castigo, no dia em que fez oitenta e cinco anos de idade, adormeceu bem disposto e quando acordou... já estava morto! O sr. Carlos Fernandes da Cruz, ao receber esta cadeia num subscripto multado, apressou-se a enviar 22 copias a varios amigos e quatro dias depois teve a ventura de deixar de fazer criticas teatraes no semanario humoristico *Sempre Fixe*.

(*Seguem-se os nomes das pessoas que têm recebido e enviado esta cadeia*).

Diga-se trezentas e sessenta e cinco vezes a seguinte oração:

Cadeia da Sorte Boa
que veste numa carta,
Val p'ra o raio que te parta
mais quem inventou a lóa!

Pai do Ceu, Bom, Justiceiro
este mundo anda perdido,
por muito doido varrido,
a pedir um marmeleiro!
Amen.

Rocix.

2º aniversario do *fixe*



o CAVALIRO ABRAÇA-O, MIL E UMA VEZES

Revista Paramount

No outro dia fui ao cinema para ver a Greta. A Greta Nissen, não a conhecem V. Ex.^{as} e apreciam?

Pois bem. Comprei o meu bilhete e instalei-me o mais comodamente possível no exiguo fauteuil que me foi servido, depois de ter tirado o meu venerando sobretudo, bastante encolhido sob o peso dos duros invernos que tem conhecido. Como tinha encetado nesse dia um boião de «brilhantina», do melhor ranço que existe no mercado, escusado será dizer-se que tirei também o chapéu.

Ao meu lado direito, encontrava-se uma menina, o que existe de mais perfeito em reclame de drogaria, de nariz comprido com um leve arrebitado sensual e que fazia um razoável *pendant* com o meu.

Fez-se escuro e começou a desenvolver-se o primeiro *film*: «Revista Paramount». Sempre tive por estes documentários um gosto especial. Por eles, sem grandes despesas e sem perigo de descarrilamento ou de naufragio, vemo-nos transportados dos países mais tórridos aos mais frígidos, dispensando absolutamente o uso de chapéu de palha ou capa de borracha. E agora permitam-me que lhes leia os distícos da fita:

No *écran*: «Vista geral de Pernambuco».

Na plateia: Ao meu lado, a menina de que já lhes falei tinha a curta saínia um quasi nada mais acima, mas não muito além dos joelhos.

No *écran*: «Exploração ao Centro de Africa. A caminho do desconhecido».

Na plateia: Docemente, o meu pé desliza ao encontro do da desconhecida.

No *écran*: «Progresso da sciencia. Extracção dum calo sem dor».

Na plateia: O meu desastrado pé pisa um calo da pequena, que solta um leve e gracioso «Arre que é bruto» e logo afasta o mimoso pézinho dos dois que possui e havia lavado nessa noite para ir ao cinema, como o aconselha o «Manual do Higienista».

No *écran*: «Ascensão ao Monte Branco».

Na plateia: ?...
No *écran*: «Ao Polo Norte ou Sul? O capitão O. Horse, inventor da hulha branca de desperdício de gatos parte brevemente para qualquer destes polos, mas não resolveu ainda se deve ir de burro ou a pé coxinho».

Na plateia: ?...
No *écran*: «Reconhecimento das potencias aliadas pelo rei Negonho».

Na plateia: ?...
E continua, sempre no *écran*, sómente no *écran*, porque afinal a pequena, desde que lhe pisel o calo, não voltou a dar-me sorte.

E... «*fiat lux*».
Como a respiração começasse a faltar-me, sentindo-me bastante incomodado, talvez devido ao ar carregado que absorvera, levantei-me e vim para a rua, desistindo nessa noite de ver a Greta.



—Pelo que vejo a tua mulher é um bicho de sete cabeças...

AMOR E GLORIA

Autobiografia dum futurista encravado

Foi tal o sucesso de livreria que o meu Mecenas, dentro em breve, passou a ser um dos *azes do futurismo*. Como era revolucionario civil, revolucionou a literatura de alto a baixo, criou uma nova taboia de valores intelectuais e, impavido, afrontou os colegas e estrangulou a critica. Deixou crescer o cabelo, enfiou um vidro no olho, meteu Oscar Wilde de baixo do braço, rodeou-se de *coléries*, fez-se valer e, hoje, quem quizer impôr-se, só o consegue com o seu *benepilactio*.

Nesta admiração que os tímidos sentem pelos audazes, o meu ideal era aproximar-me dele, roubar-lhe um pouco da gloria que lhe aureolava o nome. Bastava ser acolito dum homem de tão extraordinaria envergadura para ganhar as esporas d'ouro da Imortalidade. A tarefa não era difficil. Moravamos no mesmo predio; eu no sexto andar, ele no rez-do-chão. Sempre que passava por ele, na rua ou na escada, lembrando-me de Fialho, que se descobria deante de quem tinha talento, eu tirava-lhe o chapéu com reverencia. Mas, sempre que me descobria deante dele, era fatal o homem levar a mão ao bolso e dar-me cinco tostões.

Fiquei vexado.
Mas um dia enchi-me de coragem e disse-lhe, do alto da minha *Lavallière*:

— V. Ex.^a desculpe, mas vou restituir-lhe o seu dinheiro: eu não sou nenhum mendigo... Irral!

— Queira perdoar — disse ele — mas como o via sempre de chapéu na mão...

— Sim, porque admiro V. Ex.^a. Sou 3.^o official do Ministerio da Agricultura e sou poeta, como V. Ex.^a... E' por isso que lhe falo!

O grande homem abraçou-me, cummulou-me de atenções e desde então ficámos amigos. Durante anos quizmo-nos um ao outro entranhadamente, com aquela amizade que Rochefoucauld disse «ser mais rara de encontrar do que o verdadeiro amor».

Quando publiquei o meu livro de versos, fui-lhe levar um exemplar encadernado em percalina vermelha. Entrei no seu escritorio, um lindo salão com mobilia estilo arabe, estantes recheadas de belos livros e, sobre um contador de marmore, um bronze de *Clodion*. Dentre os simbolistas, destacavam-se Malmée Régnier, Eugénio de Castro.

O grande Homem não se fez esperar. Ofereceu-me um maple e conversámos sobre o movimento literario da epoca. Depois, pegando numa pequena faca de marfim, fez-me vénia, abriu as paginas do meu livrinho e começou a ler os versos.

Eu passava por todas as côres do arco-iris e, por fim, fiquei branco como a cal da parede. O que diria o grande Mestre? Não dizia nada. Fazia caretas horríveis, como se Mussolini lhe deses oleo de ricino.

Cheguei a pensar que o meu inclito amigo estivesse incomodado dos intestinos, e fazia menção de erguer-me para lhe acudir com sulfato de sodio, quando S. Ex.^a, limpando o monoculo ao lençinho de cambraia e acudindo no cinzelo niquelado o seu *bout-doré* egipcio, me disse, sorridente e afavel:

— São belos os seus versos O estilo, porém, é rançoso, demodé. E'

preciso renovar as ideias. Estam as no seculo da originalidade. E' necessario inovar. O homem alimenta-se da renovação constante do Pensamento. Hodiernamente, vive-se da nossa *hysthenia neurastenica*, dentro de n s mesmo, do nosso «eu» *mediunico* beethoveniano, em que as *imagens*, perpendicularizando-se do *rigor* — Arte, são *turgescencias da névoa* — Saudade. As mãos em ogiva, os dedos em baldaquinos e vitrais coloridos, os olhos em extasis de sonho, o cerebro em massa cinzenta e fogo, somos a pedra marmore-violeta de Parma. O não ser é a ausencia do ser; como o ser, implicitamente, é a ausencia do não ser. *To be or not to be!* Percebeu? Você trezanda ao bolor dos classicos. O seu estilo é feito de mirra. E' um estilo mirrado... Leia as ultimas gerações. Malmée, Régnier, Roclenbach, Antonio Patricio, os expoentes maximos da moderna Poesia! A sua modestia tem que habituar-se ao *éclat* da arte nova. E' preciso que, quando você escrever um verso, sinta a alma *charlestonada*, o cabelo em arrepios, aneurismada a aorta, estracinhada a consciencia... A arte seculovintica, meu amigo, é o bulido aereo em suspensão no espaço, é a nuance do céu para a terra, o claro-escuro do passado para o presente, o «*clair-de-lune*» do dia para a noite, da sombra para a luz? Percebeu? A Poesia de hoje é a névoa de ontem atravessada de relampagos, de «*frissons*» pánicos, de convulsões, de crepusculos nevroticos, de penumbras, de sombras, de pesadelos... Percebeu, amiguinho?

E o grande Homem sentava-se, levantava-se, acompanhava as palavras de gestos em seta, de pinchos em ogiva, num entusiasmo simiesco.

— Leia os grandes artistas da Poesia hodierna, livrorosa como um cadaver de virgem branca, como o rosto de Hamlet, ao sol do avesso! Emfim, a Poesia de hoje é a voz *mediunica* de D. Sebastião. Percebeu?

Escusado é dizer que eu não percebi nada do que o meu Mecenas estava para ali a dizer. Olhava-o espavorido, de boca aberta, quasi a chorar. Nunca tinha ouvido dizer tantas coisas exquisitas! O homem fez tantos gestos, deu tantos saltos, que acabou por cair dentro do cesto dos papeis.

Levantando-se, exclamou:

— A nuance é hoje tudo, meu amigo; e é justamente isso que falta nos seus versos. A nuance lusiada, percebeu? Você, para ser um sensitivo, tem que inundar-se de bruma, barrar-se de crepusculo, de orvalho, de relento? Percebeu, senhor Poeta?

Eu cada vez percebia menos, mas deixava-o falar porque, se o contrariasse, sendo ele um impulsivo, era capaz de me bater. E eu já estava farto de apanhar pancada por causa dos versos.

— Você precisa arranjar um estilo novo. Tem macaquinhos no sótão!... E como eu ficasse taciturno e fizesse belcinho:

— Não desanime, homem de Deus! Goethe disse um dia que o genio é um produto da paciencia. Por enquanto, você está na fase da crisálida. Apareça, conviva amigo. Farel de você uma borboleta, uma agulha!

(Continua).

Geraldo Sem-Medo.



Porque roubou você os 50\$00 ao seu patrão? — Porque não tinha dinheiro para comer sr. juiz. Bem; o sr. é condenado em 500\$00 de multa.

Por junto e a retalho

Ha dias, para entreter o aborrecimento de uma noite de piquete, na redacção, noite sem boatos, sem precauções, sem idas á Amadora, peguei duma revista que se publica semanalmente nesta cidade de marmore e granito, á beira mar... transtornada, e franqueza, franquezinha, não dei por mal empregado o meu tempo.

Assim, de mistura com actualidades graficas e narrações de acontecimentos políticos, deparou-se-nos uma curiosissima entrevista com uma artista lirica, de nacionalidade estrangeira, entrevista tão estravagante que não resistimos á tentação de transcrever algumas das suas passagens, para nós—salvo opinião em contrario—as melhores, as mais colossais. O leitor dirá se temos ou não razão, transcrevendo o que segue:

«Estamos junto do salão. Madeleine não entra. Prefere passear no corredor. Aborrece-a muito estar junto dos outros hospedes que a fixam misteriosamente.

—Qual é a parte mais bela do seu corpo?!

Madeleine sorri, pede a minha opinião, fica um instante séria para que eu escolha...

—Talvez os olhos?
—Creio que sim. Estou satisfeita por v. concordar comigo.

—Tem conquistado muitos admiradores?

—...Só os olhos, não. Talvez todo o meu corpo!!! Ha cidades onde recebo muitas cartas. Um admirador, que não conheço, um dia escreveu-me dizendo que seria feliz se consentisse em seguir-me. Creio que succede o mesmo com todas as artistas.

E novas perguntas se seguem, por parte do entrevistador: sobre se se julga bonita; se encontra algum interesse na vida; que genero de homem prefere; as côres dos vestidos de que mais gosta, etc. etc.

Mas fiquemos por aqui. Para amostra bastava só aquella passagem em que o jornalista pergunta a Madeleine qual é a parte mais bela do seu corpo!! Ai, ali!! E lembrar-se a gente que essa revista é lida por muitas senhoras...

Agora, antes de fechar, este bocadinho duma critica feita por um conhecido medico, mas mais conhecido como politico e dramaturgo, a um livro sobre a degenerescencia de D. Pedro I, da autoria dum medico: «...poucas figuras, como a desse rei gago, prognata, violento, hipocurico, radico, homo-sexual, acusando possivelmente fulgurações epileptiformes, se prestam tanto á reconstrução duma bela pagina de arqueologia medica.»

Que mais haveria para chamar ao amoroso D. Pedro? Já é ser *cruel* e nada *justiciero*.

Dum artigo das *Novidades*, órgão do Centro Catolico:

«Nesta fusão de dois desejos diferentes está toda a marcha ascensional do homem e da mulher para misteriosos destinos. Saber melhor, vencer melhor, morrer bem para que depois, sempre, infinitamente, outros saibam, vençam e morram—até ao instante perdido entre os seculos em que todos dormiremos debaixo da mão de Deus.»

Perceberam? E morreu Cristo entre o bom e o mau ladrão para nossa salvação!



—Tu acreditas na transmissão do pensamento?

—Acredito. Ainda no outro dia, quando me apresentaram a uma linda pequena, ela me deu logo uma bofetada.

O POETA "CHIADO"

dá um passeio com um redactor do "Fixe"

Ali, á porta da «Brasileira», eu sonhava com um quadro de revista.

E então, vendo o Poeta Chiado levantar-se do banco onde uma vereação o sentou, ouvi que dizia a um moço de fretes:

—«Xudo! Vai buscar uma escada. Quero ir até ao Rossio, vêr como difere esta gente daquela do meu tempo.»

Momentos volvidos, o Poeta descia contente da estatua e seguia comigo por si abaixo.

Do que se passou não é facil a descrição. Todavia, ainda que levemente, direi aos meus numerosissimos leitores aquillo que lhe ouvi:

Junto da «Bertrand», encontrámos um sujeito bem parecido, alto, fato feito por medida, chapéu branco de neve, bigodes pretos.

Preguntou-me o «Chiado»:

—Quem é? —
—O dr. Brito Camacho.
—Esse gajo tem piada!

* * *

A' porta do «Café Chiado» está o dr. Julio Dantas, vestido de odalisca.

Comentário do poeta:
—Esse patife não fez a Ceta dos Frades. Não lhe perdô!

* * *

Passa um actor.
—Quem é? — perguntou.
—O actor Fulano.

—O quê?! Ainda o não reformaram?!
* * *

—Quem é aquelle? — interroga o «Chiado».

—O «Pinheiro Maluco».
—E o outro?
—O Barbosa Junior.

* * *

Carregado de discos, surge o maestro Alves Coelho.

Comentário do poeta:
—Já o conheço! Traduz muito bem musicas.

* * *

Disse eu:
—Lá está o Sassetti.
Comenta o «Chiado»:
—Conheci os irmãos mais velhos: o Sá Oito e o Sá Nona...

* * *

—Quem são?
—O José David e o Alfredo Henriques.
—Mas que fazem?
—São actores.
—Dizem eles?

* * *

—Olhe o Manzoni de Sequeira: O «Chiado», enervado:
—Não me fales nele. Já me negou um vale.

* * *

—Aquelle?
—O Eduardo Frias. Anda sempre a divagar.

—Divagar se vai ao longe — comenta o «Chiado».

* * *

Exclama o poeta:
—Santo Deus! Aquelle é João Sevilha.
E pouco depois:
—Teve um cavallo que fazia versos lindos.

* * *

—Olhe o Pedro Bordalo.
—O Fixe não era nada se não fôsse ele bordá-lo...

* * *

—Aquelle quem é?
—A Rahyra de Sousa.
—Rahyrá bien qui Rahyrá le detier...

* * *

Passa uma actriz.
—Como se chama?
—Beatriz Costa.
O poeta fica a admirá-la, o que me leva a perguntar:
—Da Beatriz gostas?

* * *

Dobra uma esquina um nosso conhecido actor.
Comentário do poeta:
—Coitado! Principiam a cair-lhe os cabelos do chinó...

* * *

—E aquelle?
—E' medico. E' o dr. F...

Diz o poeta:
—A esse se poderá aplicar a historia:

«Alexandre Dumas jantava um dia em casa do dr. Gistal, medico de Marselha.

Solicitado para escrever no album do medico, Dumas escreveu:

*Depuis que le docteur Gistal
Soigne des familles entières,
On a demoli l'hôpital*

—Lisongeiro! — disse o medico, interrompendo.

Mas Dumas continuou:

Et l'on a fait deux cimetières.

* * *

—Aquelle quem é?
—E' o Costinha.
—Está crescido.
—E ella?
—Luiza Durão.
—Durão lex sed lex...

* * *

—Aquelle é bailarino: o Francis.
«Francisco da Graça é um cachôpo de olhos em braço...»

Foi o ultimo comentário do poeta que, voltando para o banco, lá ficou á espera de que um revisteiro o aproveitasse.

Luiz Figueira.

GENTILEZA...



— Muito agradecido, minha senhora. Também vê-se logo que V. Ex.ª é muito boa.

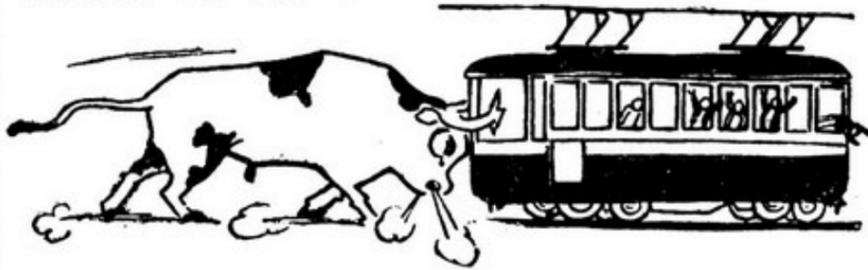
EXPERIENCIA...



— Sempre quero ver quem acaba primeiro: se o mundo, se a botija...

ECOS DA SEMANA

UM ASPECTO DA TOURADA NO CAES DO SODRE



AO VER-SE O TOIRO POR FIM VIS-A-VIS COM ESTA DAMA AJOELHA E DIZ ASSIM: -D.VACA JA NAO MAMA?



5ª FEIRA DA AS 100 SÃO (AS BORRACHEIRAS)



RESULTADO DUM ENSAIO DA NOVA LEI DO TRANSITO...

ORA 'VERDA' PARA OS 'TENNISTAS' PORTUGUESES... FOI O MELHOR JOGADOR



OS ZEELANDEZES FICARAM SEM BOLAS NA NOVA ZEELANDIA...

CONCURSOS E... PICOS...



ASPECTO DA INAUGURACAO DO MONUMENTO EM SANTA-REM.



BANQUETA DOS ESTOIRO

BORELHO